

SÍTIOS CERÂMICOS DA BACIA DO PARANÃ - GOIÁS

O Projeto Bacia do Paranã é parcialmente subvencionado pelo CNPq

ILUSKA SIMONSEN

ALFREDO A. C. MENDONÇA DE SOUZA

ACARY DE PASSOS OLIVEIRA

SHEILA M. FERRAZ DE SOUZA

M. ARMINDA C. M. DE SOUZA

Desde 1975 numerosos sítios arqueológicos cerâmicos vêm sendo localizados em grutas e abrigos-sob-rocha, na área do rio Palma. Dentre eles, destacam-se a Gruta do Salitre e a Toca da Bananeira. A análise comparada das evidências culturais destes sítios permitiu a definição de uma fase lito-cerâmica - a fase Palma - a qual, possivelmente, testemunha o momento em que os grupos de caçadores-recoletores da bacia do Paranã adquiriram a tecnologia da cerâmica.

Os artefatos líticos, nesta fase, continuam sendo plano-convexos, elaborados sobre arenito silicificado, jaspe, calcedônia e quartzo, não apresentando morfologia claramente estabelecida, caracterizando-se, antes, pelos possíveis usos que possam ter tido. Predominam lascas utilizadas e artefatos de funções múltiplas, de talhe médio e pequeno, plainas, raspadores, furadores, bicos, que foram produzidos com a técnica de lascamento direto, com percutor duro e que se assemelha à indústria lítica da fase Paranã.

Quanto a cerâmica, é acordelada, e apresenta-se com dois tipos de tempero: cariapé mais areia fina (que predomina na base da sequência) e areia grossa (mais popular no topo da sequência). Os vasilhames são de pequenas dimensões, com altura máxima de 42cm, e largura máxima no bojo, de 34cm. Estão presentes vasos cônicos, de base cônica e borda introvertida, ou com pescoço constrito e borda extrovertida, tijelas arredondadas com bordas diretas, tijelas fundas com base aplanadas, paredes ligeiramente arredondadas e bordas diretas, e vasilhames globulares. As superfícies são bem alisadas, com coloração que varia do alaranjado ao cinza.

Foi recuperado um sepultamento na Gruta do Salitre, o qual ocupava área irregularmente retangular com 2,40m de comprimento e 1,20m de largura. O esqueleto jazia em decúbito dorsal,

sobre um leito de cinzas, a uma profundidade entre 60 e 80cm. A cova, na parte correspondente ao corpo e a cabeça, encontrava-se rodeada por 5 blocos de calcário. Esta área, assim delimitada, estava recoberta por cacos cerâmicos, provenientes de 6 vasilhames que originalmente foram quebrados e dispostos sobre o tronco e a cabeça, além de mais 26 cacos, todos dispostos com a face interna voltada para baixo formando uma "cobertura". Além destas evidências foram encontrados 1 (um) colar constituído por pequenas sementes, com 3mm de diâmetro e 2mm de altura média (foram coletados 248 exemplares); 12 (doze) pingentes elaborados sobre placas de moluscos (Dulciaquícolas e terrestres), apresentando dimensões entre 44,4mm e 24,1mm de comprimento, podendo ter uma ou duas perfurações que apresentam diâmetros entre 4,5 e 0,9mm; 1 (um) pingente constituído por carapaças de *Megalobulimus* sp, com perfuração na primeira espira, o qual jazia a altura do esterno.

Amostras de carvão provenientes da base do sepultamento a 80cm de profundidade, foram submetidas a análise de C-14, o que permitiu uma datação de 1.230 ± 90 aP (GYF-3910/75), ou seja, anos 720 de nossa era. Na medida em que este sepultamento corresponde a uma ocupação que se encontra em nível superior (40/50cm) esta datação não corresponde a ocupação inicial do sítio, nem deve ser correlacionada aos pictóglifos e grafitos.

Uma segunda datação, obtida para a Toca da Bananeira nos dá idade de 740 ± 90 aP.

O abrigo, tanto no seu interior, como nas paredes externas, bem como alguns salões da gruta do Salitre, apresenta em suas paredes e reentrâncias um total de 232 sinalizações rupestres, nas cores vermelhas, preta, amarela e branca.

Estão presentes duas modalidades: Pictóglifos (em que é usada tinta, uma emulsão de pigmento em ácido graxo) e grafito (em que se emprega o pigmento em estado sólido). Nos primeiros a técnica utilizada foi a pintura, não constatando-se caso de aspersão e/ou de impressão. A representação é simbolista, com motivos abstratos (geométricos ou livres), na sua maioria, e raramente naturalistas (zoomorfos e antropomorfos). O tratamento pode ser linear contínuo, linear cheio, puntiforme e em silhueta, sendo os dois últimos mais raros. Observou-se tanto a associação intencional de cores (policromia) como sua superposição, geralmente preto sobre vermelho e amarelo ou branco sobre os anteriores. O equilíbrio

é estático e as sinalações acham-se agrupadas em mais de 25 conjuntos. Os sinais têm de 3 a 83cm de altura, média de 19,8cm, e a largura entre 0,5 e 111,0cm, média de 13,7cm. A largura média dos traços é de 1,5cm. Cerca de 30% dos sinais encontram-se danificados por deposição de cálcio e depredação.

Quanto aos grafitos, apresentam as mesmas características dos pictoglifos, destes se diferenciando pela técnica, por maior frequência de motivos triangulares, destacando-se uma sinalação-tipo onde ocorrem dois triângulos unidos por um vértice. Ocorre, ainda, linhas retas, em grades e em zig-zag.

Ossos de mamíferos foram registrados em todos os níveis, com maior concentração nos níveis inferiores e superiores, ou seja, estão praticamente ausentes dos níveis intermediários.

Nos níveis superiores predominam restos ósseos de animais de pequeno porte, que foram associados a "bolas de coruja" (regurgitação alimentar das corujas). Apresentam-se quase intactos e têm significado apenas para o estudo da páleo-fauna local. Estão presentes restos de marsupiais e roedores, além de aves e anfíbios. Alguns raros ossos de cervídeos que ocorrem nestes níveis foram associados à dieta alimentar destes grupos humanos pré-históricos, não se excluindo, no entanto a possibilidade de serem, pelo menos em parte, restos de repasto de carnívoros, pois apresentam-se muito quebrados ou com marcas de dentes.

Nos níveis intermediários, principalmente em torno da cota dos 30cm, há uma diminuição destes restos, ocorrendo, por outro lado, garras de crustáceos e vértebras de pequenos peixes teleosteos, que se associam a estrato com sedimentos avermelhados que são correlacionados a um momento de clima mais quente e úmido que o atual, não se afastando a hipótese de que, então, os rios próximos apresentassem maior volume de água.

É nos níveis inferiores que a caça está melhor documentada. Apesar das evidências serem pouco numerosas, ossos de cervídeos e primatas ocorrem com marcas de queima. Ocorrem, também, ossos de anfíbios, quelônios, aves, marsupiais, edentatas e roedores.

Em todos os níveis há uma ocorrência constante de carapaças de moluscos terrestres, das espécies que ainda habitam o local, não existindo evidências claras de que tenham sido utilizados na alimentação. Da mesma forma, coquinhos inteiros, quebrados

e/ou queimados, também ocorrem em todos os níveis, cascas de ovos e fragmentos de cabaças.

A pequena incidência destas evidências no interior dos abrigos no entanto, da mesma forma como a quase ausência de fogueiras parece apontar para a utilização da área externa para preparação e consumo de alimentos, sendo a maior parte dos restos internos devidos à ação de animais que também habitaram os abrigos.

SCHMITZ (1981:50) acredita que estes grupos praticavam, já, um cultivo incipiente de milho, mas nesta região não se obtiveram evidências, mesmo que indiretas, de tal fato,

Preliminarmente parece que a fase Palma correlaciona-se à fase Jataí, do Sudoeste Goiano, descrita por SCHMITZ e colaboradores (1977), e posteriormente filiada, pelo autor, à Tradição Una, do Sudoeste Brasileiro. Segundo SCHMITZ (1981) a fase Jataí seria representativa de "coletores, caçadores e plantadores" de uma período de clima atual", tendo, já, um cultivo incipiente de milho (SCHMITZ, 1981:50).

Tanto na fase Jataí como na fase Palma, estão presentes pinturas rupestres, acompanhamentos funerários de colares e cerâmica. Existem diferenças, no entanto, tais como a forma de deposição dos mortos, fletidos na fase Jataí e em decúbito dorsal extendido, na fase Palma e a tipologia lítica, não se tendo também constatado a presença de artefatos de madeira, cestaria, cordaria e trançado, na fase Palma.

A fase Jataí, datada de AD 950 \pm 75 (N-2349) ~ AD 1035 \pm 75 (N-2346), parece ser mais recente no Sudoeste Goiano. A confirmar-se que estas fases filiam-se à Tradição Una, esta tem datações, no Rio de Janeiro, de AD. 520 \pm 65 (SI-705) e AD. 1230 \pm 95 (SI-704); portanto praticamente contemporâneos da fase Palma, sendo, no entanto, mais antiga em Minas Gerais, onde a fase Piuim foi datada de AD. 110 \pm 90 (SI-2369).

Uma vez que a datação obtida para a Gruta do Salitre (AD. 745 \pm 90) corresponde à idade do sepultamento e não aos níveis mais inferiores, e considerando-se a tendência demonstrada pelo tempêro de cariapê, a qual é substituída, progressivamente, por tempêro de areia grossa, nos níveis mais recentes, parece admissível supor-se uma origem amazônica para esta fase cerâmica, o que parece ser confirmado pelo padrão de sepultamento, descrito SIMÕES (1967) em sítios arqueológicos do Alto Xingu.

Outros sítios associados a esta fase são a Toca do Nanho e a Toca Grande, também em Ponte Alta do Bom Jesus, a ocupação superficial das grutas da Lapa da Pedra e do Cantinho, em Formosa, a Gruta Sossuapara, em Nova Roma, e a Furna do Genipapeiro, em Taguatinga. Um outro padrão de assentamento parece, também, ser associado à fase. Tratam-se de sítios abertos, situados, sempre, nas proximidades de grandes blocos verticais, expostos, de calcário ou arenito. É este o caso dos sítios Cacaraia, em Ponte Alta do Bom Jesus, Mata Grande, em dianópolis, e Canabrava, em Nova Roma. Também o sítio Barreiro, localizado em Barra do Rio, Município de Lizarda, no ponto onde o rio Perdida deságua no rio do Sono parece inserir-se nesta fase. O sítio tem área de 2.500 m² em região com cobertura vegetal de cerrado. Juntamente com lascas utilizadas de ágata, jaspe e arenito silicificado foram recuperados 133 cacos de cerâmica o qual tem, praticamente, as mesmas características da fase Palma. Pela frequência do tempêro de cariapê com areia fina (97,75% da amostra), este sítio insere-se na base da seqüência seriada da fase, sendo, portanto, mais atingido, o que reforça a hipótese da mesma ter origem amazônica. No entanto, a presença de cacos com engobo branco (OLIVEIRA & MENDONÇA DE SOUZA, 1981) é um problema que ainda não foi adequadamente esclarecido. Esta área, atualmente, é habitada por Índios Krahô e Xerente.

Durante a III e IV Etapas de execução do Projeto Bacia do Paranã, foram localizados numerosos sítios abertos ao longo do médio curso do rio Paranã, notadamente nos municípios de Monte Alegre de Goiás e Nova Roma, que ensejaram a definição de uma nova fase cerâmica, a Fase Tejuaçú.

Os sítios são grandes e com estratos pouco espessos, ocupando áreas onduladas ou em declive suave, próximas a calcários e a pequenos córregos perenes ou nascentes, com vegetação de cerradão e de matas de galeria. Em alguns destes, notadamente nos sítios Tejuaçú (Monte Alegre de Goiás), Brejão, Lyra e Natim (Nova Roma), foi possível identificar de 5 a 8 grandes manchas circulares de forma aproximadamente elipsoidal, acreditando-se, tratam-se de aldeamentos.

Esta cerâmica é acordelada, e apresenta-se com quatro tipos básicos de tempêro: grãos rolados de filitos, cacos triturados, areia e cariapê. Os vasilhames são de dimensões bem maiores do que os da fase anterior, com altura máxima de ordem de 60cm,

e larguras máximas em torno de 40cm. As formas são simples, predominando contornos ovais e elípticos, com bordas diretas ou invertidas. As superfícies são bem alisadas, com coloração variando do alaranjado ao marrom claro, com manchas de queima, mas ocorre com alguma frequência engobo vermelho ou alaranjado. São muito freqüentes, também, discos circulares com perfuração central (tortuais de fusos?).

Os artefatos líticos são polidos, destacando-se grandes lâminas-de-machado com formato aproximadamente retangular, quebra-cocos e percutores.

Nas proximidades destes sítios, em pequenas grutas calcáreas sem condições de habitabilidade, foram encontrados alguns sepultamentos secundários da fase Tejuauçu, conquanto outros sepultamentos, tenham sido registrados nas próprias aldeias.

Estes sepultamentos isolados, que inicialmente foram registrados como sítios arqueológicos independentes (Lapa Formosona, Furna da Teresa, Lapa dos Tapuios I e II), não apresentavam nenhuma evidência além dos próprios sepultamentos. As covas foram escavadas até a profundidade necessária, junto a uma das paredes das grutas ou de um grande bloco de calcáreo, e forradas com placas de calcáreo, dentro das quais foram depositadas as urnas. Os sepultamentos secundários apresentavam-se com os ossos pequenos depositados no fundo das urnas, os ossos longos entrecruzados ou inclinados para um lado, e os crânios apoiados sobre o centro. No sepultamento da Furna da Teresa foram encontrados dois tembetãs cilíndricos e com as extremidades mais largas, em T, cruzados sob os ossos longos, confeccionados em siltito calcífero, material comum na região, fazendo parte da estratigrafia da Formação Três Marias do Grupo Paranoá. O maior tem 19,0cm de comprimento e 1,3cm de diâmetro. O outro, tem 9,6cm por 1,1cm.

Inicialmente, havia-se correlacionado esta fase à Tradição Aratu, descrita por CALDERÓN (1969), para a Bahia, a qual como observa SCHMITZ (1982:49), "denomina uma tradição cerâmica de grupos horticultores do Nordeste e Centro do Brasil, ligada ao horizonte agrícola ao qual também pertence a tradição Sapucaí, que se identifica pelos mesmos elementos gerais, a ponto de se propor a fusão das duas tradições". Assim sendo, e na medida em que a única referência a cerâmica temperada com filito deve-se a JUNQUEIRA (1978), que o encontrou nos municípios de Jaboticatubas, Lagoa'

Santa, Matosinhos e Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, optou-se por filiar a fase Tejuauçu à Tradição Sapucaí, a qual foi descrita por DIAS JR. (1969, 1977).

Dois outros sítios da tradição Sapucaí foram localizados, por SCHMITZ e colaboradores, em Goiás, "um no divisor de águas entre o rio Uru (Almas), da bacia do Tocantins e o dos Bois, da Bacia do Paranaíba" (SCHMITZ, 1982:88) permitindo a definição da fase Itaberaí. A principal distinção entre a cerâmica desta fase e a da Tejuauçu, é o tempêro de filito, que só corre nesta última.

Também a tradição Uru (SCHMITZ et alii, 1976, 1977) que denomina uma tradição ceramista de grupos horticultores das bacias do Tocantins e Araguaia, na qual ocorrem vasilhames tradicionalmente atribuídos à transformação da mandioca tóxica em alimento humano (SCHMITZ, 1982:103), parece estar presente na área de influência da Bacia do Paranaíba. Os dados obtidos até o momento, no entanto, não permitem um estudo detalhado da mesma. Apenas um sítio foi localizado, Aldeia Santa Maria, em Dianópolis, formado por 12 manchas circulares com diâmetro aproximado de 15 metros cada uma, dispostas em elipse, tendo em uma das extremidades um pequeno córrego sem designação. A cerâmica é simples, com bases arredondadas e planas, bojos globulares, bordas diretas e extrovertidas. Estão presentes, também, bases perfuradas (coadores). Em uma borda constatou-se a presença de pequeno aplique. O tempêro é cariapé e areia, e o instrumental lítico se constitui de blocos e fragmentos de quartzo e arenito silicificado.

Aparentemente, 3 sítios, recém-descobertos nas pesquisas de campo realizadas em julho/agosto de 1982, na área da Chapada dos Veadeiros, também se inserem nesta tradição, é, interessante destacar que distam poucos quilômetros dos sítios da fase Uruauçu (SCHMITZ, 1982), registrados na margem esquerda do rio das Almas, também, formador do Tocantins.

Dos sítios agora encontrados, dois encontram-se praticamente destruídos, restando o do Capão da Aldeia com condições mínimas para pesquisa. Neste sítio, com cobertura vegetal de cerrado, foram identificadas 6 manchas dispostas de forma aproximadamente circular, e, um pouco afastado, em direção ao rio, um "forno indígena", o qual consiste em uma elipse de pedras maiores, com a parte interna preenchida por carvão e pedras menores. A cerâmi-

mica, cuja análise só agora se inicia, assemelha-se à de Aldeia Santa Maria.

Da Tradição Tupiguarani, apenas um sítio, Carporê, no município de Arraias, foi localizado, já completamente destruído por cultivo de mandioca. Tratava-se de um sítio de pequenas dimensões, 500 m², com ocupação apenas superficial, o que parece indicar que a área da bacia do Paranã não foi ocupada por populações desta tradição cultural.

Também a tradição Tupiguarani (SCHMITZ et al. 1976, 1977) que denomina uma tradição ceramista de grupos horticultores das bacias do Tocantins e Araguaia, na qual ocorrem vestígios tradicionaismente atribuídos à transformação de mandioca tóxica em alimento não tóxico (SCHMITZ, 1982:103), parece estar presente na área de influência da bacia do Paranã. Os dados obtidos até o momento, no entanto, não permitem um estudo detalhado da mesma. Apenas um sítio foi localizado, Aldeia Santa Maria, em Dianópolis, formado por 12 montículos circulares com diâmetro aproximado de 15 metros cada uma, dispostos em fileiras, tendo em uma das extremidades um pequeno córrego sem destinação. A cerâmica é simples, com bases arredondadas e não há bolhas globulares, bordas diretas e extrínsecas. Há uma borda côncava, também, bases pertubadas (cordões). Em uma borda côncava há a presença de pequeno apêndice. O tempero é carvão e areia, e o instrumental lítico se constitui de discos e fragmentos de quartzo e granito atípicos.

Aparentemente, 3 sítios, recém-descobertos nas pesquisas de campo realizadas em julho/agosto de 1982, na área de influência dos Vaselhos, também se inserem nesta tradição, e, infelizmente, restaram poucos quilômetros dos sítios da Tradição Tupiguarani, registrados na margem esquerda do rio dos Aimãs, também, formador do Tocantins.

Dos sítios agora encontrados, dois encontram-se praticamente destruídos, restando o do Cação de Aldeia com condições mínimas para pesquisa. Neste sítio, com cobertura vegetal de cerrado, foram identificadas 6 manchas dispostas de forma aproximadamente circular, e, um pouco afastado, em direção ao rio, um "formigão", o qual constata em uma série de pedras maiores, com a parte inferior preenchida por carvão e pedras menores. A cerâmica

BIBLIOGRAFIA

CALDERÓN, Valentin

- 1969 Nota prévia sobre a arqueologia das regiões centrais e su coeste do Estado da Bahia. PRONAPA 2, Belém (Publicações avulsas do Museu E. Goeldi, 10).

SCHMITZ, Pedro Ignácio

- 1976 Arqueologia de Goiás em 1976. Goiânia, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia.

SCHMITZ, Pedro Ignácio

- 1977 Arqueologia de Goiás, Sequência Cultural e Datações de C-14. Anuário de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, 1(3).

SCHMITZ, Pedro Ignácio

- 1981 Contribuciones a la prehistoria de Brasil. Pesquisas, série Antropologia, (32).

SCHMITZ, Pedro Ignácio, et alli

- 1982 Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Pesquisas, série Antropologia, (33).

SIMONSEN, Iluska

- 1975 Alguns sítios arqueológicos da série Bambuí em Goiás. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.

SIMONSEN, Iluska, et alli

- 1981 Projeto Bacia do Paranã - III: Escavação Arqueológica da Gruta do Salitre. Goiânia/Rio de Janeiro, Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás/ Instituto Superior de Cultura Brasileira.

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alli

- 1977 Projeto Bacia do Paranã: A Fase Paranã. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alli

- 1979 Projeto Bacia do Paranã - II: Petroglifos da Chapada dos Veadeiros. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.

BIBLIOGRAFIA

CALDERÓN, Valentin
 1969 Nota prévia sobre a arqueologia das regiões centrais e su-
 coste de Estado de Bahia. REVISTA 2, Bahia (Publicações)
 avulsas do Museu E. Goeldi, 10.

SCHMITZ, Pedro Igãncio
 1976 Arqueologia de Goiás em 1976. Goiania, Instituto Goiano
 de Pré-História e Antropologia.

SCHMITZ, Pedro Igãncio
 1977 Arqueologia de Goiás, sedução Cultural e Defações de
 C-14. Anuário de Divulgação Científica, Instituto Goiano
 de Pré-História e Antropologia, 1(1).

SCHMITZ, Pedro Igãncio
 1981 Contribuições a la prehistoria de Brasil. Pesquisas, Sé-
 rie Antropologia, (32).

SCHMITZ, Pedro Igãncio, et alii
 1982 Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Pesquisas, Série An-
 tropologia, (33).

SIMONSEN, Iuska
 1975 Alguns sítios arqueológicos da série Banduí em Goiás. Go-
 ãnia, Museu Antropológico da UFGo.

SIMONSEN, Iuska, et alii
 1981 Projeto Bacia do Paraná - III: Escavação Arqueológica da
 Gruta do Salitre. Goiania, Museu Antropoló-
 gico da Universidade Federal de Goiás, Instituto Superior
 de Cultura Brasileira.

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alii
 1977 Projeto Bacia do Paraná: A Fase Paraná. Goiania, Museu An-
 tropológico da UFGo.

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alii
 1979 Projeto Bacia do Paraná - II: Petrogílicos da Chapada dos
 Veadeiros. Goiania, Museu Antropológico da UFGo.